

Observação *versus* Princípio de Autoridade: a gênese empírica do conhecimento em Bernardino Telesio

Observation versus the Principle of Authority: the Empirical Genesis of Knowledge in Bernardino Telesio

ANDRÉ CAMPOS DA ROCHA*

Resumo: Este artigo examina a questão da modernidade na filosofia de Bernardino Telesio (1509-1588), analisando as interpretações contrastantes de sua obra e seu lugar na transição entre o pensamento renascentista e a ciência moderna. Partindo de uma discussão de caráter histórico-conceitual, pretende-se evidenciar as leituras como representantes de uma mentalidade que se esboçava na nova ciência. O trabalho destaca os pilares epistemológicos do pensamento telesiano. Estes incluem a defesa intransigente do método empírico e indutivo, a rejeição do princípio de autoridade (especialmente do aristotelismo escolástico) e a proposta de uma filosofia natural fundada na observação direta dos fenômenos, concebendo a natureza como um domínio autônomo regido por princípios imanentes. O trabalho conclui que Telesio é uma figura central na composição do pensamento científico que se esboçava, embora o filósofo seja mais adequadamente enquadrado como filósofo natural.

Palavras-chave: Bernardino Telesio. Filosofia Renascentista. Epistemologia. Filosofia Natural. Empirismo.

Abstract: This article examines the question of modernity in the philosophy of Bernardino Telesio (1509-1588), analyzing the contrasting interpretations of his work and its place in the transition between Renaissance thought and modern science. Starting from a historical-conceptual discussion, it aims to highlight the readings as representative of a mentality that was emerging in

* André Campos da Rocha é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: monodromia@gmail.com

the new science. The work highlights the epistemological pillars of Telesio's thought. These include the uncompromising defense of the empirical and inductive method, the rejection of the principle of authority (especially scholastic Aristotelianism), and the proposal of a natural philosophy founded on the direct observation of phenomena, conceiving nature as an autonomous domain governed by immanent principles. The work concludes that Telesio is a central figure in the composition of the scientific thought that was emerging, although the philosopher is more appropriately framed as a natural philosopher.

Keywords: Bernardino Telesio. Renaissance Philosophy. Epistemology. Natural Philosophy. Empiricism.

Introdução

Este trabalho trata, de forma breve, de alguns aspectos do pensamento do filósofo natural Bernardino Telesio (1509-1588). Telesio, nascido na Calábria (Cosenza), embora seja pouco mencionado, foi um dos principais nomes da filosofia italiana renascentista. Autor de obra não muito vasta, escreveu trabalhos de enorme influência. Entre os nomes que reverenciaram Telesio, estão Bacon, Descartes e Spinoza.

No seu mais importante trabalho, *De rerum natura iuxta propria principia* (Sobre a Natureza das Coisas segundo seus Próprios Princípios, 1565, edição ampliada 1586), encontra-se uma virada epistemológica, fundada na defesa de que a investigação sobre a natureza deve basear-se na observação direta e nos sentidos, e não apenas na autoridade de Aristóteles.

Mesmo tendo se formado intelectualmente em Padua, que então era o centro do aristotelismo, Telesio fundou em Nápoles a Academia Telesiana para promover uma investigação da natureza livre do princípio de autoridade. Em sua filosofia, há a defesa de que o mundo é governado por dois princípios ativos: o calor (expansivo, celeste) e o frio (contrátil, terrestre), atuando sobre uma matéria passiva. Apesar de críticas da Igreja, sua ênfase na experiência sensível e sua visão de um universo autônomo influenciaram pensadores como Campanella, Giordano Bruno e, posteriormente, Francis Bacon, que o considerou o primeiro dos modernos. Telesio é visto, assim, como um precursor do empirismo e um renovador do pensamento científico no século XVI.

Desde o século XIX é possível encontrar diversas formas de avaliar a *modernidade* de Telesio que, diga-se de passagem, são contrastantes. Como há de ser com autores clássicos, a obra do filósofo italiano vem sendo examinada por correntes históricas e filosóficas de índoles distintas. Nesse sentido, se encontramos o Telesio que é encarado como o verdadeiro precursor de Galileu, outros autores o veem como o autor que estimulará o menosprezo de Francis Bacon pelas ciências baseadas na pura razão.

Não podemos esquecer o Telesio de Ernst Cassirer, que é interpretado como um representante fulcral da nova mentalidade na qual se origina a ciência moderna da natureza. Já o Telesio de Erminio Troilo, é o empirista radical que deve ser colocado ao lado dos pensadores modernos, e o Telesio materialista metafísico de Giovanni Gentile, que argumenta que o filósofo apenas insinuou a era moderna e essencialmente permaneceu um homem renascentista. Há o Telesio de Nicola Abbagnano, que é crítico radical da metafísica e de quem Galileu é o sucessor natural, e o Telesio de Giacomo Soleri, o filósofo e não-cientista cujos interesses metafísicos prevalecem sobre os físicos. Recentemente, Eugenio Garin destacou que, na obra *De rerum natura* de Telesio, o filósofo pretendia precisamente captar os momentos ideais, as primeiras causas, que ele entendia como imanentes e internas à própria natureza.

Caso se considere Telesio no contexto da modernidade, é preciso ter em conta vários pontos específicos, quais sejam: a) a própria imagem da natureza; b) a imagem do conhecimento e do erudito; c) o contraste entre os princípios da autoridade e da verdade *a priori*; e d) a afirmação da independência do conhecimento científico.

A interpretação de Telesio como um dos *novatores*, ou o primeiro dos *novatores*, como um defensor ferrenho da liberdade filosófica e como um opositor feroz da tirania aristotélica é onipresente na cultura europeia do século XVII: os escritos de Tommaso Cornelio, Leonardo di Capua, Pietro Giannone, Gian Vincenzo Gravina, Daniel G. Morhof, Gabriel Naudé e Charles Sorel testemunham isso. E essa avaliação foi exposta novamente no século XVIII: Como é possível constatar, por exemplo, em *De vita et philosophia Bernardini Telesii* (A Vida e a Filosofia de Bernardo Telesio), de Johann G. Lotter, e *Historia critica philosophiae* (História Crítica da Filosofia), de Johann J. Brucker.

Pode-se afirmar, de forma inequívoca, que Bernardino Telesio, no rol dos filósofos do período da Renascença, é aquele que de forma mais enfática defendeu o modelo epistemológico indutivo para se conhecer a natureza. O pensador de Cosenza se dedicou a investigações sobre a natureza, solidamente

embasadas em observações empíricas. Isso, num período em que ainda reinava a submissão aos tratados aristotélicos. Além da influência de Aristóteles, o conhecimento *a priori* era considerado o seguro ponto de partida para se conhecer o que quer que fosse. Podemos constatar esse fato já no início do *De Rerum Natura* (Livro I, Capítulo 1), em que Telesio demarca seu território epistemológico: a estrutura do mundo e a natureza dos corpos não se revelam por meio da pura razão. As coisas mesmas devem ser consideradas por meio da percepção que temos delas, viabilizada pelos nossos sentidos. Numa espécie de antecipação do que Kant denominou de antinomias da razão pura, Telesio assevera que as explicações sobre as coisas que são calcadas somente na razão mostram-se “contraditórias e incompatíveis entre si”. Além disso, as explicações engendradas segundo esse racionalismo estrito mostram-se incompatíveis com as próprias coisas. Nas palavras do próprio Telesio:

Aqueles que me antecederam estudaram a estrutura do mundo e a natureza das coisas, parecem fazê-lo com longas vigílias e grande esforço. No entanto, sem as terem observado. O que poderiam saber delas, quando todas as suas explicações são contraditórias e incompatíveis entre si e com as próprias coisas? (Telesio, 2010, p. 1)

Telesio denuncia uma certa soberba dos investigadores da natureza antecessores dele. Segundo a sua análise, aqueles disputavam “sabedoria com Deus”. Por essa razão, acreditavam que a compreensão da natureza estava vinculada a uma espécie de emulação da sabedoria divina.

O problema epistemológico fundamental, do ponto de vista telesiano, consiste no fato de investigadores da natureza estarem impedidos de “representar o mundo segundo os seus caprichos”. Isso implica em não apenas simular a sabedoria de Deus, mas, fundamentalmente, resultaria na heresia de ser Deus e, em alguma medida, aperfeiçoá-lo.

Telesio afirma que não possui tal confiança em si mesmo. Assim, prefere se submeter às limitações do mundo, que são, em instância final, as de Deus.

A filosofia telesiana coloca em evidência a necessidade de se colocar o sujeito como o ponto central no processo de conhecimento. É a partir da compreensão precisa do sujeito envolvido no processo de conhecimento que pode-se asseverar algo sobre os corpos e a estrutura da natureza.

Em todos os seus textos, Telesio convocava os filósofos naturais a adotarem uma investigação empírica, que mais se adequava à realidade da natureza.

O método empírico, propugnado pelo autor, se chocava com a cultura de caráter livresco que, à época, imperava nas universidades e meios intelectuais. Nesse sentido, numa espécie de antecipação da crítica kantiana à razão pura, se tornava a base para a mudança que aguardava a filosofia, se deslocando de discussões sobre teoria do objeto para as de teoria do sujeito, ou seja, da metafísica para a epistemologia.

Telesio, ao se contrapor ao modo de pensar que se ancorava num racionalismo estrito, bem como sua postura antiaristotélica e antiescolástica, acabou por enfrentar resistências por um lado e adeptos por outro. O que Kuhn denomina de ciência normal, logo reagiu, por meio da indignação de professores universitários e das autoridades eclesiásticas. No entanto, a admiração de novos pensadores também estava presente.

Na verdade, como muitos historiadores da ciência reconhecem hoje, a escolástica foi menos nefasta para o avanço do conhecimento natural do que a batalha de Telesio poderia sugerir; portanto, um confronto entre as influências sobre o pensamento científico provenientes dos vários aristotelismos e de suas próprias ideias seria valioso para obter uma compreensão mais matizada das complexidades da ciência moderna. Quanto à sua contribuição específica para a investigação dos fenômenos naturais, Telesio compôs uma série de opúsculos que tratavam de aspectos do mundo, desde a meteorologia até a doutrina da alma, como componentes integrais de sua abrangente filosofia natural.

Telesio e seu contexto histórico

Historiadores materialistas da ciência sugeriram que as raízes sociais do sensualismo de Telesio são as mesmas que determinaram o surgimento da ciência empírica moderna. No contexto de uma sociedade orientada para a prática, como a do capitalismo europeu inicial, as divisões tradicionais entre praticantes e elites eruditas foram desafiadas e revisadas; nesse contexto, surgiu uma nova classe de estudiosos, a dos protocientistas, que combinavam o conhecimento empírico de artistas-engenheiros com o raciocínio sistemático de acadêmicos universitários e humanistas eruditos.

O Renascimento produziu muitos exemplos desse novo tipo de intelectual, tais como: Leonardo da Vinci, Girolamo Cardano, Nicolau Tartaglia, Guidobaldo Del Monte, Giovanni Battista Benedetti, Simon Stevin e, sobretudo, Galileu Galilei.

O historiador marxista Edgar Zilsel designou o *filósofo magnético* William Gilbert como o mais consistente defensor do experimentalismo moderno e

ênfatiçou que ele compartilhava a atitude crítica e o antiaristotelismo radical de filósofos italianos como Telesio, Tommaso Campanella, Giordano Bruno e Patrizi. No entanto, Zisael observou que o naturalismo desses pensadores, deveria ser visto como o irmão mais velho, não o pai da ciência experimental, uma vez que a ciência de Gilbert derivava diretamente do conhecimento prático de mineiros, fundidores, navegadores e fabricantes de instrumentos, e não dos discursos filosóficos como em Telesio.

Zisael descreve Francis Bacon, juntamente com Gilbert e Galileu, como outro exemplo do cientista moderno, apesar de sua contribuição para a ciência ter se limitado à sua legitimação filosófica. A filosofia de Bacon, orientada para a ciência, baseava-se na lógica indutiva, rejeitava a metafísica e visava o avanço do conhecimento para o benefício da humanidade. No entanto, Zisael não levou em consideração o grande interesse de Bacon pelas ideias de Telesio, apesar da ligação ideal entre o sensualismo deste último e o empirismo daquele. Além disso, embora a utopia tecnológica da *Nova Atlântida* seja estranha a Telesio, sua obra filosófica desempenhou um papel comparável na promoção da cultura científica – se não a da **Royal Society**, então inegavelmente a da **Accademia dei Lincei** em torno da ciência galileana.

Em contraste com Bacon, e além de sua defesa do empirismo e sua rejeição da transcendência como fonte de explicação do mundo natural, Telesio ofereceu outra contribuição significativa para a cultura científica de sua época. De fato, sua obra se destaca como a primeira tentativa moderna de estabelecer um novo fundamento e elaborar sistematicamente a filosofia natural. Sua ideia mais ousada era a de que toda a arquitetura da filosofia natural poderia ser erguida sobre fundamentos diferentes daqueles herdados do passado e que os princípios da natureza deveriam ser estabelecidos novamente, independentemente das tradições acadêmicas e da autoridade erudita. Tal caminho árduo, porém ambicioso, foi trilhado por seus admiradores, principalmente Patrizi, Bruno e Campanella.

A avaliação filosófica dos primeiros princípios da natureza e de suas leis, logo se tornou parte integrante do debate científico, como pode ser visto nos sistemas filosóficos de Descartes, Gassendi e outros pensadores de seu século.

Na era da filosofia mecanicista, os problemas da física, da astronomia e da fisiologia estavam inseridos em acaloradas controvérsias sobre sistemas concorrentes da natureza. Nesse sentido, pode-se asseverar que a ideia de autopreservação de Telesio representa a passagem de uma compreensão teleológica para uma autotética dos processos naturais e também sugere alguma

possível influência da doutrina da autopreservação de Telesio na filosofia natural inercial (ou protoinercial) do início da era moderna, em particular em autores como Descartes e Spinoza.

Telesio não se preocupava apenas com as questões mais gerais da filosofia da natureza; ele também se dedicava à solução de problemas científicos específicos, especialmente nos opúsculos. Os nove breves livros reunidos por Persio (seu admirador), em 1590, compreendiam quatro breves tratados sobre questões pertinentes à meteorologia, segundo a tradição aristotélica. Especificamente, tratavam de cometas, a Via Láctea, ventos, terremotos, o arco-íris e o mar, incluindo o problema das marés.

Os cinco livros restantes, tratavam de problemas de história natural que costumavam ser classificados como *parva naturalia*. Um deles abordava a unidade da alma, contrariando Galeno, os outros a função da respiração, a natureza das cores, o paladar e o sono. Esses escritos visavam oferecer explicações naturalistas desses fenômenos naturais, em consonância com a doutrina exposta em *De rerum natura*, ao mesmo tempo que testavam a solidez dessa doutrina. Devem ser compreendidos no contexto da recepção e da crítica de Telesio às tradições acadêmicas representadas por Aristóteles e Galeno. Ao mesmo tempo, testemunham a contribuição de Telesio para os debates científicos de sua época.

A perspectiva imanente de Telesio sobre a natureza e suas implicações para a doutrina da alma preocupavam as autoridades religiosas ainda mais do que seu antiaristotelismo, que, no clima da Itália contrarreformista, poderia ser visto como uma ameaça à ortodoxia tomista. Seu tratamento da alma como um *spiritus* de origem inteiramente natural nas primeiras edições de *De rerum natura* despertou a atenção dos censores eclesiásticos. Em 28 de abril de 1570, Telesio escreveu à principal autoridade eclesiástica em Cosenza, o Cardeal Flavio Orsini, para se defender de rumores sobre a impiedade de suas concepções. “Na verdade”, escreveu ele, “estes dois livros tratam apenas dos primeiros corpos e dos princípios, isto é, **calor e frio, umidade e secura**.”

Poucas coisas são afirmadas sobre a alma, e apenas aquelas que dizem respeito à questão dos princípios e da alma sensível e motivadora. A dificuldade deve ter sido séria e pode explicar o longo tempo, de 1570 a 1586, o qual Telesio levou para elaborar a última versão de sua obra, em que aparece a distinção entre o *spiritus* e *semine eductus*, isto é, a alma natural, e a alma de origem divina. No entanto, essa cautela (ou esclarecimento) não foi suficiente para evitar a censura. O Índice Clementino *librorum prohibitorum*, de 1596,

suspendeu *De rerum natura* e alguns dos pequenos tratados sobre a natureza. Como nenhuma expurgação jamais foi aprovada, as obras “perigosas” de Telesio permaneceram proibidas aos católicos ortodoxos até 1900, quando foram retiradas do **Index de Leão XIII**.

Os problemas de Telesio com a censura devem ser lidos no contexto de um clima de crescentes tensões religiosas e tentativas de controle e censura. No mesmo ano em que Telesio escreveu sua autoexculpação ao Cardeal Orsini (1570), o polímata Girolamo Cardano foi julgado pela Inquisição em Bolonha por suas visões heterodoxas e astrologia, dezesseis anos antes de essa arte ser oficialmente condenada por Sisto V. Ele foi posteriormente forçado a se mudar para Roma, onde poderia ser melhor controlado. O cientista napolitano Giambattista Della Porta foi preso em 1574 e condenado em Roma por necromancia. Muitas de suas obras, por exemplo, a versão italiana de *De humana physiognomonía*, não puderam ser impressas. Patrizi, que prezava as ideias de Telesio e mantinha correspondência com ele, foi contratado em Roma como professor de filosofia platônica e foi imediatamente julgado pela visão sobre filosofia natural que apresentou em *Nova de universis philosophia* (1591). Além das mais graves acusações teológicas, ele teve que se exonerar, em 1592, da suspeita de ser um seguidor do sistema de Copérnico.

Alguns dos perseguidores de Patrizi estiveram posteriormente envolvidos no julgamento e condenação à morte de Bruno, bem como no caso Galileu. Após uma primeira prisão em 1592, Campanella foi julgado em Pádua e Roma (1594-1595), o que levou à sua abjuração por ser veementemente suspeito de heresia. Sua subsequente prisão nas cadeias da Inquisição em Nápoles e Roma durou trinta anos (1597-1634). Campanella escapou da pena de morte apenas porque resistiu a torturas horríveis que o deformaram permanentemente e fingiu insanidade. Galileu e seu colaborador de Pádua, o filósofo natural Cesare Cremonini, foram investigados juntos pela Inquisição de Pádua (1604).

As obras de Telesio foram queimadas publicamente em frente à catedral de Nápoles no dia de São Pedro e São Paulo, em 1610, juntamente com outros livros proibidos. Portanto, não é de se admirar que os autores que ele inspirou relutassem em mencioná-lo diretamente, como provavelmente foi o caso das ideias de Della Porta sobre o calor e os espíritos em movimento em *De aeris transmutationibus* (Roma, 1610). A obra de Campanella inspirada em Telesio, *De sensu rerum et magia*, foi confiscada por seus opressores, o que o obrigou a reescrevê-la posteriormente de cor, em italiano, durante seu encarceramento, e depois traduzi-la de volta para o latim.

Apesar desse clima de suspeita e censura, as ideias de Telesio penetraram sutilmente na cultura científica do século XVII. Bacon é talvez o exemplo mais evidente dessa influência, mas outros exemplos poderiam ser mencionados. Na Itália, o fundador da *Accademia dei Lincei*, Federico Cesi, foi profundamente influenciado pelas concepções de Telesio. A filosofia de *De rerum natura iuxta propria principia* era vastamente estimada e criticamente avaliada pelos eruditos da época. Mais documentação da circulação das visões telesianas nos debates científicos do século XVII encontram-se nas referências de Galileu à sua obra. Na última parte do *Dialogo sopra i massimi sistemi del mondo* (1632), Galileu considerou necessário introduzir a sua própria prova da teoria copernicana, uma explicação mecânica das marés, distanciando-se não só das interpretações astrológicas do fenômeno, mas também da explicação termodinâmica de Telesio. Apesar da sua discordância em pontos específicos, Galileu reagiu veementemente em defesa da memória de Telesio quando esta foi desacreditada pelos seus oponentes. No decorrer de suas polêmicas a respeito da teoria sobre os cometas, o jesuíta Orazio Grassi acusou Galileu de seguir a filosofia *estéril* de Cardano e Telesio.

Conclusão

Telesio é emblemático na cultura científica do início da era moderna em muitos aspectos. Sua atenção aos detalhes da natureza, por meio de observação metódica, bem como sua estima pela experiência e sua aspiração à universalidade e à abrangência são típicas da ciência renascentista. Sua filosofia natural constituiu um marco na cultura moderna como uma primeira tentativa sistemática de fundamentação das ciências naturais, contrariando a tradição escolástica.

O filósofo de Cosenza também é uma representação das tensões éticas que afetavam os debates naturais de sua época. Seu pensamento e sua recepção testemunham a inseparabilidade das ciências naturais e da filosofia em um momento em que as disciplinas naturais passavam por um processo de rápida mudança, que levou a uma compreensão da ciência e da metodologia científica mais próxima da nossa compreensão atual.

Finalmente, podemos afirmar que, no período renascentista, as forças da magia, da filosofia natural e de uma incipiente ciência (tal como a compreendemos atualmente) se chocavam de forma clara. Sabemos que o discurso científico acabou por se tornar campeão dessa batalha. No entanto, não podemos descartar que traços da magia e da filosofia natural se encontram na ciência até os dias atuais.

Referências

CASSIRER, Ernst. *El problema del Conocimiento en la Filosofía y en la Ciencia Modernas*. Trad. por: Wenceslao Roces. Quinta Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. 4v. v.1.

GARIN, Eugenio. “Nota telesiana: Antonio Persio”. In: *La cultura filosofica del Rinascimento italiano*. Milão: Bompiani, 1994, p. 432-441.

GRANADA, Miguel Ángel (ed. and trans.). *Bernardino Telesio: Sobre los cometas y la Vía Láctea*. Madri: Tecnos, 2012.

LÓPEZ, Susana Gómez. “Telesio y el debate sobre la naturaleza de la luz en el Renacimiento italiano”. In: *Bernardino Telesio y la nueva imagen de la naturaleza en el Rinascimento*. Ed. Miguel Ángel Granada. Madri: Siruela, 2013, p. 194-236.

TELESIO, Bernardino. *De rerum natura iuxta propria principia, liber primus, et secundus, denuo editi (Napoli 1570)*. Ed. Alessandro Ottaviani. Turim: Aragno, 2010.

TELESIO, Bernardino. *La naturaleza segun sus propios principios* (Libros primero y segundo nuevamente editados) Nápoles 1570. Tradução de Miguel Saralegui. Madri: Tecnos, 2013.

ZILSEL, Edgar. “The Origins of William Gilbert’s Scientific Method”. In: *Journal for the History of Ideas* (1941), p. 1-32.

Como citar:

ROCHA, André Campos da. Observação versus Princípio de Autoridade: a gênese empírica do conhecimento em Bernardino Telesio. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, Anais da I Jornada de Filosofia e Teologia da FSBRJ – Cultura Italiana, p. 23-32, jul./dez. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24-anais.fsbrj-2025-1>